

Remontemos de Spinoza, Foucault, Pêcheux...

Renata Aparecida Paupitz DRANKA
Universidade do Sul de Santa Catarina.

Este texto, *Remontons de Foucault à Spinoza*, foi apresentado por Michel Pêcheux em novembro de 1977 na Universidade Autônoma do México, num simpósio intitulado “**Discurso político: teorias e análises**”.

Através de sua comunicação, Pêcheux faz um novo percurso em torno do marxismo para interrogar o “*trabalho das origens*”. Segundo o autor, essa trajetória passa por dois filósofos não marxistas. Em Spinoza, o marxismo estava nos limbos da história, o que não acontecia com Foucault.

Entretanto, Pêcheux, que centrava suas pesquisas no discurso político marxista-leninista, enfatizando que havia uma determinada maneira de tratar os textos políticos que estava imbricada em uma certa forma de fazer política, introduziu em seu arcabouço teórico, conceitos de um filósofo que, segundo ele, não tinha uma posição na luta de classes: Foucault.

Nesta trajetória, Pêcheux critica a desarticulação entre uma prática política e uma prática teórica. Coloca em questão a evidência de uma prática que faz política em Spinoza, o que não existe em Foucault. Spinoza não inclui a contradição em sua teoria, mas na prática, ele opera com ela. Foucault, entretanto, trabalha com a contradição somente na composição de sua teoria.

Anteriormente Pêcheux, que já havia incorporado o conceito de Formações Discursivas de Foucault em sua teoria, submetendo-o a um trabalho específico, neste simpósio opera com os seguintes conceitos: “formas de repartição” e “sistemas de dispersão.”

A teoria marxista de Pêcheux, nesse simpósio, também se apresentou com formulações novas: “*identidade e divisão de sentidos*” “*uma ideologia não é um bloco homogêneo*”, e evocando o “axioma de identidade” de Searle, de que “*se um predicado é verdadeiro para um objeto, ele é verdadeiro para tudo o que é idêntico a esse objeto, independentemente da expressão utilizada para se referir a*

esse objeto [...]”, Pêcheux o contradiz, dizendo que *“a ideologia é não idêntica a si mesma, ela não existe a não ser sob a modalidade da divisão, ela não se realiza senão dentro da contradição que organiza nela a unidade e a luta dos contrários”*.

Falando na necessidade de um compromisso político de toda a proposta teórica, e apontando para a obra de Foucault, Pêcheux diz sobre o filósofo que o *“marxismo-leninismo pode encontrar surpreendentes objetos de reflexão: pela sua maneira de fazer falarem os textos”*.

A crítica de Pêcheux é de que Foucault criou categorias, mas não as articulou com uma prática política, ou não possuía uma perspectiva histórico cultural de base materialista. Mas Pêcheux diz que *“ninguém pode ter impunemente um discurso paralelo ao materialismo histórico sem encontrá-lo no contrafluxo”* ou *“Foucault está muito próximo dos interesses do marxismo-leninismo e nisso constitui, justamente, a contradição própria de Foucault, invisível e sem dúvida insuperável para ele”*.

Por outro lado, Pêcheux enfatiza que se *“não há uma teoria da contradição explicitamente formulada em Spinoza, há, entretanto, uma elaboração espontânea da contradição”*. Podemos constatar que Pêcheux, fazendo um contraste entre Foucault e Spinoza, aponta para uma nova abordagem sobre a questão do heterogêneo na formação discursiva.

Spinoza nasceu em Amsterdã em 24 de novembro de 1632. Era judeu de nascimento, mas seus pais foram obrigados a converter-se ao cristianismo. Segundo Marilena Chauí (1991), os membros da família de Spinoza tornaram-se marranos ou judeus convertidos. Embora fossem obrigados a aceitarem a nova fé, permaneciam vinculados à tradição judaica. A formação de Spinoza foi contraditória, marcada pelo conflito de suas origens, pois recebeu educação rabínica, preparando-se para o rabinato e também foi influenciado pelo catolicismo.

Aos 24 anos Spinoza compartilhava suas idéias com alguns pensadores considerados heréticos pela comunidade judaica. Segundo Russell, ofereceram-lhe mil florins anuais para que não manifestasse suas dúvidas; quando os rejeitou, tentaram assassiná-lo. Foi convidado a retratar-se perante a Sinagoga, mas

Spinoza recusou. Foi excomungado pela comunidade judaica com o seguinte texto:

“Pela decisão dos anjos e julgamentos dos santos, excomungamos, expulsamos, execramos e maldizemos Baruch de Spinoza... Maldito seja de dia e maldito seja de noite; maldito seja quando se deita e maldito seja quando se levanta; maldito seja quando sai, maldito seja quando regressa... Ordenamos que ninguém mantenha com ele comunicação oral ou escrita, que ninguém lhe preste favor algum, que ninguém permaneça com ele sob o mesmo teto ou a menos de quatro jardas, que ninguém leia algo escrito ou transcrito por ele.”(CHAUI,1991,p.7)

Após a excomunhão, Spinoza foi deserdado e afastado dos negócios da família. Começou a ganhar a vida como polidor de lentes. Estudou grego, latim e a filosofia de Descartes. Spinoza tinha boas relações com o círculo cultural holandês e com o governo. Segundo Russell(1957,p.100), *“As poucas pessoas que o conheciam o amavam, mesmo quando desaprovavam seus princípios.”*

Em 1670, Spinoza publica o *Tractatus Theológico-Politicus*, sendo acusado de ateísmo. Os ortodoxos o consideravam *“um elemento nocivo à República.”* Segundo Russell (1957,p.100), *“o tractatus é uma curiosa combinação de crítica bíblica e teoria política.”* O *Tractatus* é considerado a primeira interpretação histórico-crítica da bíblia. No texto, *Remontons de Foucault a Spinoza*, Pêcheux diz que o filósofo parte da teologia para chegar ao direito e à política, enviando a *“todos os teólogos do mundo o mais magnífico recado que eles jamais haviam recebido: e o mais extraordinário é que ele o envia em nome da religião, falando de religião!”*(Pêcheux,1990,p.252)

Segundo Pêcheux,

“o trabalho de Spinoza seria uma espécie de antecedente de uma teoria materialista das ideologias, sob uma forma rudimentar que contém, entretanto, o essencial, a saber, a tese segundo a qual quanto menos se conhecem as causas, mas se é submetido a elas.” (PÊCHEUX,1990,p.252)

E, de acordo Orlandi, no texto “*A leitura proposta e os leitores possíveis*”,

“o discurso é ideologicamente marcado, logo regulável, submetido à história,(...) A liberdade não é sagrada. Ela é histórica, Ela é uma prática. Ela se dá em condições determinadas. Os sujeitos são posições e essas posições não são indiferentes à história. Elas derivam de relações ideológicas.(...) ideologia e determinação histórica não se opõe à liberdade. ” (ORLANDI,1998) .

Colocaremos, agora, em relevo o que a fala de Pêcheux e Orlandi tem em comum, no que concerne à liberdade, com as idéias que Spinoza desenvolveu em sua Ética e a teoria materialista.

Ser livre, para Spinoza, é ser coagido a agir e a existir pela necessidade da sua natureza. Deus existe livremente, embora exista necessariamente, porque existe pela única necessidade da sua natureza. Para o filósofo, “*a liberdade não consiste numa decisão livre, mas na livre necessidade*”(SPINOZA,1991,p.76) . A noção de Spinoza sobre a liberdade depende da natureza do objeto desejado e das causas definidas que excluem a idéia de livre- arbítrio e a de contingência. Segundo o mesmo autor, “*O conceito que lhe é antitético é o de coação, isto é, de determinação extrínseca*”(SPINOZA,1991,p.77)

Na filosofia de Spinoza, quem age por dever não é autônomo, não é livre, age por mandamento. O homem livre não é aquele que decide o que quer, como quer, pois a ação do mundo externo provoca no homem “paixões” ou “afetos”. Ser livre, para o filósofo, não consiste em livrar-se das paixões, elas são necessárias, isto é, não dependem da vontade do homem, mas da lei da natureza humana. A liberdade consiste em possibilitar que as leis da natureza humana atuem, deixando o homem ser influenciado apenas pelas paixões positivas. Frente a isso, como o homem não pode escapar às leis da natureza humana ou, como o homem não pode deixar de estar sujeito à necessidade universal, a sua liberdade não poderia consistir em subtrair-se a essa sujeição. Não se pode conceber a liberdade independentemente da necessidade. Ser livre é ter consciência da necessidade.

Neste ponto reside a diferença entre o homem livre e o escravo, o qual, por não compreender a necessidade, está sujeito a ela. Ser livre, portanto, é elevar-se

da sujeição cega, própria do escravo, à sujeição consciente. Parece que em Spinoza existe uma certa conciliação entre necessidade e liberdade.

Como o materialismo trabalha com alguns conceitos de Hegel, analisaremos como pode ser trabalhada a relação necessidade e liberdade na concepção hegeliana. Assim como Spinoza, Hegel não coloca em confronto a relação liberdade e necessidade, caracterizando a liberdade como necessidade compreendida. A diferença entre Spinoza e Hegel situa-se na relação liberdade e história. Segundo Hegel, em cada época, o conhecimento da necessidade depende do nível em que se encontra o espírito em seu desenvolvimento e este se manifesta na história da humanidade. Para o filósofo "*la historia universal es el progreso en la conciencia dela libertad – un progreso que debemos conocer em su necesidad*" (HEGEL,1999,p.68). Compreende-se, então, que a liberdade é histórica, há graus de liberdade ou de conhecimento da necessidade.

Apesar de colocar a teoria da liberdade em relação à história e ver a conquista da liberdade como um processo histórico, a liberdade, para Hegel, é ainda um assunto teórico, ou da consciência, assim como o é para Spinoza. Segundo Hegel, "*el fin último del mundo, es que el espíritu tenga conciencia de su libertad y que de este modo su libertad se realice.*"(HEGEL,1999,p.68)

Marx consegue superar dialeticamente a antítese entre liberdade e necessidade. Segundo o filósofo, a liberdade é caracterizada como consciência da necessidade, assim como a conceitualizou Spinoza, e histórica como a caracterizou Hegel, só que a consciência, para Marx (1987,p.37) "*é o processo da vida real.*" A liberdade seria, por conseguinte, a consciência histórica da necessidade. Porém, Marx vai além, pois não se trata de somente transformar a escravidão voluntária em escravidão consciente. O conhecimento, por si só, não impede que o homem esteja sujeito passivamente à necessidade natural e social. O desenvolvimento da liberdade está vinculado ao desenvolvimento do homem como ser prático, criador, que transcende o mundo dado, natural. Segundo o filósofo, "*é precisamente a modificação da natureza pelos homens (e não a natureza como tal) o que constitui a base mais essencial e imediata do pensamento humano. É na medida em que o homem aprender a transformar a*

natureza que a sua inteligência foi crescendo.”(MARX,1985,p.39). Contudo, sem o conhecimento da necessidade, não é possível haver liberdade.

Do embrião de uma teoria da ideologia em Spinoza, até o trabalho de Orlandi, podemos dizer que ideologia e determinação histórica não se opõe à liberdade. Para a autora(1998), determinar não é antever, fixar, ou prever, mas conhecer o princípio de funcionamento.

No texto, *O que se remonta de Espinosa em Pêcheux?*, Souza enfatiza que Pêcheux foi afetado por Spinoza, “*que o forçou a pensar o sentido do que propunha Foucault, e assim colocar de outro modo o problema da contradição.*” (SOUZA,2003)

Pêcheux constrói um recorte que o autoriza a fazer esta leitura de Foucault a partir de Spinoza. Diante da materialidade discursiva, Pêcheux elabora uma “unidade discursiva”¹ e organiza uma relação com o discurso. Ele interpreta o discurso de Foucault levando em conta a sua própria inscrição enquanto sujeito. O recorte, a leitura de Foucault através de Spinoza, é um suporte que garante que o objeto possa ser interpretado de uma certa forma, pois sua interpretação nunca se esgota. Segundo Orlandi, “*todo discurso é parte de um processo discursivo mais amplo que recortamos e a forma do recorte determina o modelo de análise.*”(ORLANDI,2000,p.64)

Os textos, tanto para Pêcheux como para Foucault, não são documentos que ilustram idéias pré-estabelecidas, mas monumentos nos quais se inscrevem muitas possibilidades de leituras, definidas no acontecimento discursivo.

O recorte é ao mesmo tempo absoluto e fugaz. Absoluto no instante mas fugaz devido a sua natureza, porque na Análise do Discurso a interpretação/compreensão acarreta uma mudança naquele que analisa e concomitantemente no objeto. A idéia de recorte segundo Orlandi (2000), refere-se à polissemia, desperta sentidos e outros recortes. Os sentidos despertados assediam o envolvimento com a ideologia trazendo novas interpretações. O recorte garante esta possibilidade, pois há uma relação entre o discurso e o exterior(o interdiscurso). Só se vê aquilo que se olha, e o que se olha é uma

representação do real e esta representação é ideológica. Pêcheux não estava ele mesmo fora do recorte.

Conclui-se que não há homogeneidade sem heterogeneidade. E é na prática do discurso dos sujeitos, sempre afetados pela ideologia, que se dá a desestabilização da base lingüística e a produção de sentidos.

De acordo com Orlandi, a Análise do Discurso é um ponto de vista diferente e para a mesma autora, (ORLANDI, 1984, p.12) "*Filiação teórica, no caso da análise do discurso pelo menos não é aplicação. É movimento de pensamento e esforço teórico de construção de um Objeto*". Como não há um modelo apriorístico na Análise do Discurso, as reflexões sobre os seus conceitos já remetem o analista a uma leitura interpretativa de seu arquivo.

Segundo Indursky (2003) em "*Remontando de Pêcheux a Foucault: uma leitura em, contraponto*", Pêcheux relaciona-se de modo tenso com a teoria de Foucault, questionando, criticando, se distanciando o que o conduz a um processo de apropriação/teorização/transformação.

É muito importante a análise do Discurso usar diferentes interlocutores na composição de sua construção teórica, mesmo que esses se identifiquem com uma ou outra tradição filosófica, pois segundo Foucault, filosofar é:

“ o movimento pelo qual nos libertamos com esforços, hesitações, sonhos e ilusões daquilo que passa por verdadeiro, a fim de buscar outras regras do jogo. A filosofia é o deslocamento e a transformação das molduras de pensamento, a modificação dos valores estabelecidos, e todo o trabalho que se faz para pensar diferentemente, para fazer diversamente, para tornar-se outro do que se é”.

¹ Segundo Orlandi (1984), "o recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação."